

Se pretendemos escrever elogiosamente sobre um livro de há quase 10 anos atrás, é porque reconhecemos a grande importância do mesmo e desejamos salientar o atraso de nossas traduções. Trata-se de um livro que liga a teoria à prática, sendo útil seu manuseio nos mais diferentes níveis do aprendizado; além do que desmistifica a palavra "semiótica" da sua acepção de modismo passageiro e ultrajante. Recoloca a explicação do texto tradicional lado a lado com a que instaura, mostrando, com o conhecimento da semiótica, o que se ganha em clareza e metodologia, pois constrói-se uma figura dinâmica dando conta da produção da "idéia" e concebe-se a significação como uma organização global.

**As apostas da semiótica** é um título por si só muito significativo, ainda que em francês a palavra "jogos" esteja mais explicitamente marcada. As apostas são os desafios vencidos pela autora que de hipóteses a hipóteses vai formulando sua teoria. Do capítulo II ao V (último) desenrolam-se hipóteses das mais gerais e fundadoras da semiótica como "o que podemos conhecer da significação e forma e não substância" e "a forma da significação se organiza em sistemas de relações" às que levam à estruturação do quadrado semiótico "a relação explícita e desenvolvida de um elemento de significação com o seu correspondente contrário ou contraditório", que é uma noção desenvolvida por Greimas no texto **Dois Amigos** de Maupassant.

Pelas duas hipóteses primordiais apresentadas no capítulo II, a semiótica delimita estritamente seu objeto de estudos o que é uma preliminar necessária a toda intenção científica, mas define também, da mesma maneira, uma metodologia, cujo o essencial está no estabelecimento de um princípio de abstração. Não escolhe como ponto de partida de sua análise os dados brutos da experiência. Procura abstrair dedutivamente, da massa dos fatos de signi-

ficação, conjuntos, apresentando tal ou tal característica idêntica, na qual levara adiante o estudo. Por exemplo, o efeito de sentido "pobreza de Pele de Asno" não constitui para o analista um todo homogêneo cuja significação pode ser estudada globalmente. De acordo com o caso, será portador de índices diversos que serão reaproximados de outros índices disseminados no texto. A "pobreza de Pele de Asno" pode ser ocasionada por julgamentos do narrador e então permitir uma análise da enunciação. Este mesmo efeito de sentido pode ter um papel determinante no desenrolar das peripécias da história - estuda-se então seu aspecto narrativo e assim por diante.

Trata-se então de precisar muito estreitamente o ponto de vista sob o qual examina-se um efeito de sentido, apresentando a mesma componente abstrata. A descrição semiótica propõe uma análise dos fenômenos observados, depois eventualmente uma síntese, ordenando dedutivamente os aspectos sucessivamente isolados. A autora coloca em relevo o caráter não "substancial" da análise semiótica, que não cria objetos de saber fechados neles próprios, quer dizer, não ressalta a "mensagem" ou "essência" do significado do texto, logo, não responde às perguntas mais "naturais": "sua resposta, no sentido próprio e no figurado não pode ter senão a aparência de diagramas ou esquemas que relacionam termos". Este procedimento condiz a substituir grande número de fenômenos textuais a um número reduzido de unidades e de classes de unidades construídas abstratamente. Esta teoria tende à construção explícita de relações ao nível elementar que são representações do comportamento constante e universal de certos elementos de significação ao nível profundo. Constituem a finalidade mesma da pesquisa semiótica - segundo Hjelmslev - "a instância original de toda manipulação do sentido e de toda organização dos conteúdos, as categorias necessárias a sua formalização são verdadeiros universais da linguagem.

No capítulo III, a autora apresenta as hipóteses que concernem a análise do sentido em elementos minimais que são articulados em relações binárias de oposição cujos polos são chamados de

"semas". Algumas amostras de análise sêmica ou de estruturação de campos lexicais respeitam só parcialmente a regra fundamental desta teoria que é o caráter totalmente relacional dos semas; algumas destas vezes, a decomposição de um objeto complexo em objetos menores acaba conduzindo (grande erro) a uma atomização arbitrária da significação. Outras vezes, a importância da análise sêmica chega a ser de caráter explicativo e esclarecedor. Uma técnica de leitura formal como a que propõe a semiótica deveria ser ensinada de maneira sistemática afim de socorrer o especialista ou o simples leitor cada vez que se colocam problemas de interpretação. É o que diz a autora, dando a seguir um exemplo por meio da análise sêmica de *Vozes de Silêncio* de Malraux. Delimita o fragmento "A moeda do Absoluto", apresenta as componentes da definição de arte e faz a análise sêmica do paradigma da temporalidade tratando o passado como duas entidades antinômicas: o /natural/ e o /cultural/, mostrando como seria perigoso tratar como um todo a temática do tempo neste texto.

No capítulo IV, formula hipóteses relativas à combinatória ao nível elementar que são os clasemas e as isotopias; os primeiros, representam um tipo de coerência do discurso que é assegurado pela repetição de elementos parecidos ou compatíveis, como num jogo de dominós que exige que se juxtaponha as peças apresentando configurações idênticas ao seu par. A isotopia é a resultante da repetição de elementos de significação da mesma categoria. Por exemplo, em "o gato arranha", o sujeito animal seleciona a primeira possibilidade: a presença da isotopia /animalidade/. No primeiro parágrafo do texto *Dois Amigos* de Maupassant, Greimas procede a extração da isotopia dominante tanto pelo número de suas ocorrências como pelo papel no desenvolvimento da seqüência. É em redor dela que se fazem os encadeamentos. O conceito de isotopia é indispensável para melhor esclarecer os fenômenos de multiplicidade de sentidos (polisemia) dos textos literários. Para melhor sentir sua importância, a autora faz uma análise do fragmento "Do homem" dos *Caracteres* de La Bruyère, no qual há um jogo sobre duas isotopias /animalidade/vs/humanidade/; nos termos

portadores do classemata /animalidade/ há os equívocos e os não equívocos, logo, há também contradições nos termos portadores da classe /humanidade/.

No capítulo V, tratando do quadrado semiótico, há uma análise prática de uma Carta a Sophie Volland de Diderot onde a transformação de morte em vida é negada reiteradamente. Trata-se de um texto estático, quer dizer que exclui totalmente os pólos esferdos do quadrado /transformação/ e /não permanência/, para afirmar os pólos direitos /permanência/ e /não transformação/. Coloca entre as duas dêixis uma barreira intransponível. Não manifesta nenhuma mudança entre o que é colocado no começo e o que é admitido no fim.

Cumpra ressaltar o livro em preparação de Anne Hénault: *Leitura de Coerências*, manual de análises de textos a partir de conceitos semióticos, com livro do aluno e livro do professor.

As apostas da semiótica termina com a conclusão da autora que responde ao seu primeiro capítulo "O novo espírito semiótico" e ainda com uma bibliografia de base e especializada, com indicações de revistas, com um glossário, um index nacional e o sumário final.

Finalizamos nossa apreciação com a frase do prefácio de Greimas, Diretor da Escola "des Hautes Etudes" em Ciências Sociais em Paris: a leitura semiótica, se é uma estrita explicação das regras, é também uma invenção do sentido, mais do que uma descoberta do objeto, é uma descoberta de si mesma.

Carmem Lúcia Cruz Lima  
UFSC